

BOLETIN

DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

La INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena á todo espíritu é interés de comunión religiosa, escuela filosófica ó partido político; proclamando tan solo el principio de la libertad é inviolabilidad de la ciencia, y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas.—(Art. 15 de los *Estatutos*.)

Hotel de la *Institución*.—Paseo del Obelisco, 8.

El BOLETIN, órgano oficial de la *Institución*, publicación científica, literaria, pedagógica y de cultura general, es la más barata de las españolas, y aspira á ser la más variada.—Suscripción anual: para el público, 10 pesetas; para los accionistas y maestros, 5.—Extranjero y América, 20.—Número suelto, 0,50. Se publica dos veces al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira á los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción.—Véase siempre la «Correspondencia».

AÑO XVI.

MADRID 15 DE OCTUBRE DE 1892.

NÚM. 376.

SUMARIO.

PEDAGOGÍA.

Introducción á la pedagogía, por el *Dr. B. Machado*.—Asociaciones escolares, por *D. R. Altamira*.

ENCICLOPEDIA.

Un problema de derecho aragonés, por *D. J. Costa*.

INSTITUCIÓN.

Libros recibidos.

PEDAGOGÍA.

INTRODUCCIÓN Á LA PEDAGOGÍA,

por el *Prof. honorario Dr. Bernardino Machado*,

Catedrático de la Universidad de Coimbra, Senador por el Colegio científico de Portugal (1).

A actividade humana não é toda uma. A nossa existencia entretece-se de actos igualmente necessarios, mas nem por isso identicos.

A quem é que nunca succedeu achar-se obtuso, dormente, com as faculdades repressas, num estado de atonia, de torpor, em que a luz bruxuleante da consciencia apenas chega para nessas occasiões nos reconhecermos d'uma condição inferior? Parece que se nos derreteram as azas.

E' que ha duas vidas: não só a que se leva a assimilar e a desassimilar, chamada vegetativa por ser a que as plantas possuem, ou organica, porque é commum a todos os organismos; mas tambem uma vida transcendente, a vida animal ou da alma.

Esta distincção passou já para a linguagem vulgar. Diz-se de uma pessoa abatida pela velhice ou pelos achaques: não vive, vegeta. E' que a vida organica, assim

como é a primeira a apparecer, é tambem a ultima que desaparece. Diz-se igualmente d'uma localidade de pouco movimento, monotona: ali vegeta-se apenas. E é para os campos e praias, para longe dos grandes centros de actividade, que o homem culto se ausenta, procurando repousar das suas labutações. Fazem-no ao domingo operarios e capitalistas, e os ricos teem ainda a sua temporada de villegiatura. Nesses dias ou mezes a vida animal reduz-se a um concerto de impressões e de movimentos. Vão ver-se coisas, dança-se e brinca-se. São periodos de ferias, de divertimentos. Mas esta expressão não significa unicamente diversão; não ha só mudança de vida animal, ha tambem distensão, redução.

Muitas vezes sentimos a necessidade de descansar, entregando-nos a uma vida quasi exclusivamente vegetativa. A chamma da vida animal é tão ardente que o organismo precisa de se refazer para a alimentar. Por isso com a vigilia ou tempo de trabalho se alterna o somno ou tempo de quietação.

Num organismo pobre ou desfeito a vida animal não medra. E basta que a corrente vegetativa se retarde para ella se interromper. E' o que succede no phenomeno conhecido da hibernação. E de inverno todos nos sentimos mais ou menos tolhidos; estações que nos convidem ao trabalho, a primavera e o outomno. Sabe-se como são vivos os meridionaes, e como pelo contrario teem o espirito lento, arrastado, os homens do norte. Quando nós comprehendemos uma demonstração, ainda elles vão em meio. E' o que se passa na anesthesia, em que ha sempre conjunctamente uma depressão organica. No chloroformisado a

(1) Memoria presentada al Congreso pedagógico.

circulação affrouxa, e faz-se mister todo o sentido para não livrar da dôr a custa da vida. E' o que varias outras causas podem analogamente produzir em nós, lançando-nos num estado apathico. E tanto o podem produzir as causas que retardam a vida organica, como as que a precipitam. Assim o excessivo calor quebranta-nos. São subtis, engenhosos, os orientaes, por exemplo; mas molles. Não lhes falta fogo, mas esse fogo consome-os. Como o trabalho se converte em calor, está claro que elles não nasceram para trabalhar. E não se incriminem por isso. A sua indolencia não é preguiça.

O vigor organico é absolutamente imprescindivel para uma vida animal normal. Soffra o organismo, e o edificio animal vacilla desde os fundamentos. Assim se deve entender o antigo aphorismo: — *mens sana in corpore sano*. Dar pouco de comer a uma creança, tel-a fechada dentro de casa, não é só mau para o seu organismo, ataca as origens de todo o seu desenvolvimento. Sem alimentos e sem ar, faltar-lhe-hão os materiaes para se renovar e crescer; e, se um homem mal alimentado não pôde com o trabalho, que fará uma creança? Sem luz, sem receber a acção fecunda dos estimulantes naturaes, estiolar-se-ha; e quem não sabe o effeito acabrunhador que exerce sobre a nossa alma um dia ennevoado e sombrio, e ao contrario a alegria dos dias claros, risonhos? quem é que ainda não experimentou o desafoço que sobrevem á descarga d'uma trovoada, depois da qual parece que se abriram em nós novas fontes de jovialidade?

Mas não se vá por isto enfartar as creanças de comida, como fazem certos paes, enganados pelo appetite, que aliás na infancia é em grande parte guloseima e curiosidade: o resultado seria gastarem-se por dentro em pura perda para a actividade animal; nem se exponham violentamente ás intemperies, que, sacudindo-lhes a compleição delicada, em vez de as aguerrir, as prostrariam.

A lucta do organismo com o meio é tambem fortificante para a alma, não ha duvida; comtanto, porém, que se não converta n'um sacrificio nocivo para quem o faz, e inutil para os outros. Se convém, por exemplo, sem embotar ou irritar o paladar e o olfacto, preserval os de susceptibilidades

contra os alimentos salutaes, não se segue que submettamos ninguém a um regimen alimenticio que seria além de repugnante prejudicial e vicioso. Não são para imitar os paes que habituam os rapazes ao alcool, ao tabaco. Ingerem-se até venenos, mas como remedios; e, em sendo preciso, não ha medicamento que repugne a quem está consciente de que é para sua cura. Bem sei que as creanças não pôdem ter essa consciencia e essa força de vontade, conheço por dolorosissima experiencia a difficuldade de as tratar; mas é levarem-se pela obediencia e pela ternura, pondo de parte os enganos, que as irritariam, e o medo, que ainda lhes augmentaria a repugnancia natural.

Infelizmente muitas pessoas usam com saude o que só pôde fazer bem nos casos de molestia; e recorrem só quando doentes ao que deveriam usar todos os dias: o ar livre, o banho, o passeio, etc. Já houve quem me observasse: «Mas, se o medico um dia lhe receitar o banho, está habituado a elle, não lhe faz effeito.» Limitei-me a replicar-lhe que os medicos o prescreviam para todos os dias.

Citam-se celebridades que não gosaram nunca saude. E ha quem imagine que a robustez é inimiga do talento, que a superioridade é o triste condição dos invalidos. Esta supposição baseia-se sobre apparencias.

Uma grande estatura, por exemplo, não representa invariavelmente uma propriedade vantajosa; pelo contrario, de per si só é uma causa secundaria de lentidão de circulação, e pode por isso fazer obstaculo á rapidez das funcções psychicas. Algumas pessoas franzinas são rijas. Em pequeno corpo accumulam muita forza. Nas constituições privilegiadas os orgãos adaptam-se tão bem uns aos outros que funcçionam sem demasias inuteis nem atrictos dispendiosos; e essas, ainda mesmo as que sejam frageis, teem elasterio, teem vitalidade. Serão sempre os primeiros os homens que reunirem todas as condições de solidez. Nem todos os cerebros potentes, porém se distinguem pelo volume e pelo peso; o que principalmente os caracteriza é a perfeição de estructura.

Reconheço que ha imbecis cheios de viço vegetativo. Muitas vezes a vida organica é

tão planturosa e absorvente que não deixa á vida animal a liberdade de se expandir. Cria-a e devora-a. E é um mal. Mas também o é o extremo opposto. A apregoadá invalidéz dos homens superiores consiste precisamente na hypertrophia da vida espirital. Teem cabeça de mais. Não se pode dizer d'elles que o seu corpo é fraco; ó seu systema nervoso é mesmo tão forte que, ao passo que lhes esgota a nutrição, e d'hai a sua invalidéz, também lh'a promove promptamente, e d'ahi os milagres de energia com que elles ás vezes nos surpreendem. Mal por mal, antes un homem assim. Sempre é o predominio da vida animal. Mas claramente se vê que o verdadeiro é ser um equilibrado. Nas creanças, que são todas nervos, attenda-se com a maior vigilancia a este equilibrio. A esperteza consome-as; até das mais espertas se diz: não duram. Deixem-nas desenvolver-se physicamente, ganhar sangue. O sangue é o moderador dos nervos, já dizia Hippocrates.

Não é só o poder de intelligencia e de sensibilidade que é ameaçado pelo enfraquecimento organico, compromette-se inclusivamente a vontade. Ha um desembaraço, uma coragem physica, que provem da saude. Ora na vida não basta possuir a nobreza da alma, a força espirital d'abnegação, é preciso também ter o animo intrepido. Podem os mais valentes, levados da sua animação e arrojo, excederse, fazer travessuras, estouvamentos; mas teem a mansidão, que não está longe da bondade. Tanto assim o julgamos, que facilmente os absolvemos dos seus desmandos.

Rousseau escreveu: quanto mais fraco é o corpo, mais elle manda; quanto mais forte, mais obedece. Não é inteiramente assim. Ha os genios violentos. Mas ninguem desconfie d'elles nas primeiras edades. Como teem mais vida que os outros, mais depressa aprendem a viver. O impulso que a principio os arrebatá sob o imperio de qualquer idéa ou affecto, da minima impressão, pouco a pouco se dobrará sobre si mesmo, moderando-se; e á exuberancia da espontaneidade virá associar-se a firme decisão da vontade. Os moços mais turbulentos, com a madureza dos annos, convertem-se nos homens mais ordeiros. O enfermo é que de facto difficilmente se governa. A existencia torna-se-lhe tão peno-

sa, tão cheia de contrariedades e revezes, que as incertezas e os desastamentos que soffre, o descoroçoam e abatem moralmente, e quantas vezes até elle não incommoda e martyrisa com o seu azedume e impertinencias as pessoas a quem mais deve!

Ha casos em que a doença impede de praticar o mal? mas o mal, se noutras condições se praticasse, accusaria a doença do espirito e não a saude do corpo. E nós não pretendemos, longe d'isso! que se leve o zelo por um até ao ponto de descurar ó outro. O receio da doença é decerto mais effectivo nas pessoas fracas; lastimoso será porém que o homem não encontre para a sua moralidade moveis superiores. De resto, nas creanças esse receio pouca acção pode ter, porque ellas não alcançam ainda as consequencias pathologicas do seu procedimento, nem teem vivido tanto que a idéa da morte as sobresalte e assuste.

E' illusoria a esperanza dos ascetas, que mortifican a vida organica num intuito mystico de espiritalisação. Quando a alma se enaltece á custa do organismo, a sua ascenção faz lembrar a d'uma ave ferida mortalmente. A agudeza que brilha nos olhos dos doentes em que á febre determina uma corrente de sangue para os centros nervosos ou os agentes morbigenos provocam uma irritação cerebral, corresponde a uma intuspecção mais aguda também, mas tumultuosa. Accelera-se o movimento das faculdades, ha um enorme trabalho de composição e decomposição de idéas e sentimentos, mas é um trabalho revolto, confuso, visionario, allucinado, pouco menos que o delirio. Não é nesse desconcerto que o homem elabora a sua obra genial.

Tão pouco se imagine que a força da doença chegue a dar-nos a paz, a plenitude interior. O supposto bem estar dos moribundos é simplesmente a extincção, não a dilatação suprema, da sua sensibilidade.

A influencia do physico sobre o moral patentêase nas aptidões especiaes dos dois sexos. As condições organicas da mulher fazem d'ella un ente semelhante mas não identico ao homem pelos dotes da alma. Dois phenomenos subordinados á maternidade decidem da sua sorte: um affluxo de seiva vegetativa a favor da vida da especie, e uma apoiadura do grande sympathico

e da espinal medula simultaneamente com uma concentração da massa cerebral. Eis o que lhe estreita e subtilisa as faculdades.

Esses phenomenos, que logo se manifestam na rapidez com que a mulher se forma para assumir o encargo da procreação, dão-lhe na idade adulta un organismo menos possante para o seu proprio uso, mas ao mesmo tempo ligeiro, grácil é mimoso. E eis porque ella, sem ser capaz de rasgar vôos tão altos, sobreleva em penetração e tudo que se pôde ver depressa, vê-o sempre primeiro; sente com mais fina vibratibilidade e possui em grau superior o gosto attento dos pormenores; e tanto se distingue pelo seu geito e pelo seu tacto incomparaveis. Quanto pôde convir á guarda d'um berço, onde todas as minucias teem valor, onde tudo se esboça e nada ainda se define por completo, e onde começa a viver uma creatura que é preciso adivinhar com a intelligencia e com o coração, e que é preciso entreter, fazer sorrir e meigamente domar; quanto serve para dulcificar a vida da familia e da sociedade, evitando attrictos, compondo discordias e esparzindo consolações, e todas as amenidades e donaires do espirito, todas as ondulações de porte e rhythmo de maneiras, todos os amavios da voz e da palavra que nos embalam e nos encantam: tudo isso lhe coube em partilha. Ella adquire cedo uma experiencia que torna precioso o seu conselho; e ninguem espreita melhor a occasião de o dar, ninguem o dá com mais persuasiva simplicidade. Não é profunda, mas excede-nos na delicadeza da analyse e na paciente exacção da synthese; e, se lhe não aprazem as abstracções nem lhe é azado alcançar generalisações tão vastas, conserva um sentimento mais vivo da realidade concreta com que nos adverte dos nossos desvairamentos, quando succede andarmos pelas nuvens. Dizem-na varia, mas o que ella é, é prodigiosa na fecundidade inventiva com que diversifica os actos mais monotonos, sem que haja repetição de serviço que lhe custe; e este talento, que é o talento do sacrificio modesto, continuo, de todas as horas, sagralhe os merecimentos d'esposa, e conferelhe uma preeminencia incontroversa como educadora, como enfermeira, em todas as funcções para que se requer uma bondade infatigavel.

Os cegos, os surdos-mudos, os aleijados, os dementes, são exemplos desgraçados de quanto os males organicos chegam até á alma.

Reciprocamente, o exercicio da vida animal activa as funcções organicas. Adoece-se de ociosidade. Como murcham e decaem as pessoas que se aposentam cedo das lides de toda á sua vida! Não ter em que pensar faz mal. Para quem se entrega aos labores especulativos, dia em que não possa estar alguns momentos ao menos á sós comsigo e recolher-se, é de quisilia e de mal estar. Ha verdade na expressão usual: morrer de tédio. A insipidez deprime, adormenta. Ao contrario, a alegria, essa flôr da actividade, rejuvenesce-nos. A palavra fastio tem um duplo sentido. E ninguem ignora que o prazer abre o appetite. Por isso até os pobres enfeitam com flôres as suas mezas, e se entornam ondas de musica nos grandes jantares. Quando concluimos satisfactoriamente a nossa tarefa, depois d'uma boa acção, a comida sabe-nos melhor. Sempre os faustos acontecimentos se teem celebrado com banquetes. E todos, se nos achamos em agradavel companhia, comemos muito mais.

Em muitas familias ha o costume de servir as creanças em meza á parte. Pôde ser uma necessidade, porque a hygiene da infancia ás vezes não se coaduna com a distribuição do tempo dos paes. Por exemplo, em certas casas janta-se tão tarde que nem os filhos podem estudar depois, nem lhes faria bem ir deitar-se logo. Mas é uma deploravel necessidade. Rouba-se aos paes e aos filhos um prazer saudavel, além d'uma excellente occasião de proveitosas lições. Uns e outros contam então o que fizeram e se dão de perto a conhecer e apreciar. A propria comida passa a ter um significado moral, uma historia que fala ao coração e desvia do grosseiro prazer da gula: esta fructa é da arvore que um avô plantou, aquelles legumes são da horta tratada pelo pae, e o doce, foi a mãe que o foi fazer á cozinha e que o preparou ao gosto da pequenada. Assim transformado e elevado o character das refeições, a familia levanta-se da meza enternecida e dá graças a Deus.

Todos sabem os beneficios que se colhem do passeio, não do passeio desconsolado, insipido, em que o effeito da actividade

muscular é contrabalançado pela atonia cerebral, mas do passeio vivo, animado, em que, a o passo que se marcha, se observa, se conversa. Os misteres mechanicos da lavoiria e da industria temperam organismos d'uma consistencia d'aço. E até das occupações vulgares se podem tirar recursos para a saude. Vejam-se as mães, que são d'uma constituição tão melindrosa, como ellas, pelo habito de pegar nos filhos ao colo, conseguem poder com dois ou tres ao mesmo tempo; quando muita vez os maridos nem o peso do recém-nascido sustentariam demoradamente nos braços!

A vontade, pondo em jogo a vida animal, alevanta conjunctamente as forças physicas. E' assim que os povos septentriónaes communicam movimento ao seu organismo e resistem ao clima. Menos felizes que nós pelas circunstancias do meio em que vivem, avantajamse-nos a miudo pelas conquistas da vontade. Bem podiamos valer mais do que elles: somos mais perspicazes, mais affectivos, mais desempenados e verbosos; mas as facilidades da vida derancam-nos. Nós os portuguezes fomos grandes, quando «em perigos e guerras esforçados, mais do que promettia a força humana». Os medicos saben o que podem a fé o a coragem nos doentes. Durante as epidemias o panico não é só desastroso pela perturbação que lança nos espiritos, mas ainda pelo gasto que faz da resistencia physiologica aos assaltos da molestia. O medo, o desalento, as apprehensões, se não são verdadeiramente doenças, occasionam-n'as.

Em conclusão: o trabalho nutre. Não se infira porém a facultade d'abusar d'elle ou de o usar em excesso impunemente, sem consequencias funestas para a saude.

Os desatinos, as depravações da sensibilidade, as contorções e deslocamentos acrobaticos, os caprichos contaminam fatalmente o organismo. Ao malvado faltam as condições moraes da saude. O desassoçego nervoso que a só ideia de commetter uma vileza excita nas pessoas bem dotadas! O remorso não é unicamente a voz da consciencia, representa tambem um castigo corporal. Todos os desregramentos da vida animal geram o desgosto, a dôr, que é uma causa de fraqueza. Os mesmos que exultam com as vantagens exteriores d'um acto irregular, não deixam de sentir dentro de

si um travo de descontentamento. Ora, já que nos não é dado prevenir absolutamente as desgraças e evitar as doenças e a morte, transformando por completo a natureza, ás vezes tão perniciosas! e abolindo portanto a dôr com que ella inconscientemente nos fere, ao menos não collaboremos pela corrupção da nossa alma para a propria infelicidade e ruina!

(Concluirá.)

ASOCIACIONES ESCOLARES (1)

por el Profesor D. Rafael Altamira,

Secretario del Museo Pedagógico.

I.

Cuando las Universidades eran en toda Europa verdaderos organismos autónomos, en cuyo régimen intervenían juntamente los dos elementos esenciales que las componen, los profesores y los alumnos, el natural impulso de estos les llevó á agruparse por *naciones*: división reconocida legalmente, pero que no tenía otro efecto que cierta solidaridad en los placeres y en la defensa, necesaria esta última por las frecuentes riñas que se suscitaban entre los estudiantes ó entre ellos y el pueblo. Semejantes agrupaciones subsisten aún en algunos grandes Estados, como Alemania, donde las diferencias nacionales están muy lejos de desaparecer (2), y sirven casi para los mismos fines que servían en las Universidades medioevales.

Pero al lado de estas asociaciones arcaicas y poco definidas, han surgido en nuestro siglo otras muchas, en que se determinan y concretan, no sólo los diferentes fines que los estudiantes, como tales, persiguen, sino otros que significan la trascendencia de la actividad escolar á fines sociales distintos de los académicos, aunque con estos estrechamente ligados.

Dejaré aparte, como es lógico, todas las asociaciones, secretas ó públicas, de carác-

(1) Memoria presentada con el carácter de ponencia en la sección 4.^a (enseñanza superior) del Congreso Pedagógico.

(2) También en España existen agrupaciones de un marcado carácter regional, como la *Asociació escolar catalana*, de Barcelona.

ter político, á que tan aficionada ha sido la juventud escolar de nuestro siglo y de las cuales partieron no pocos movimientos liberales y revolucionarios. En ellas se borra la condición escolar, y los estudiantes las constituyen, no como tales, sino como ciudadanos y como jóvenes. Así ocurre hoy mismo con las que de este género existen en Inglaterra, Alemania, Estados-Unidos, Bélgica y Rusia: afectando en otras naciones un sentido autonomista-nacional muy digno de aplauso, pero ajeno á nuestro propósito.

La primera distinción que debemos establecer es la de asociaciones formadas por estudiantes efectivos y asociaciones de antiguos estudiantes que quieren conservar algún lazo con la enseñanza, aun después de haber salido de ella.

Unas y otras se clasifican según los fines que persiguen: y así, hay asociaciones para la vida material; otras para la vida intelectual escolar; otras para la educación física, especialmente; otras para la vida social, placeres y diversiones, y algunas para fines filantrópicos que trascienden de la Universidad, pero derivan de ella.

Es frecuente que una sola asociación sume varios de estos caracteres, atendiendo, á la vez, á distintos fines: cosa que ayuda á la mayor cohesión de los elementos y ensancha el horizonte de los ideales escolares, pero que sólo es posible allí donde, por el gran desarrollo de las asociaciones y el apoyo que encuentran en la opinión del país, logran reunir grandes medios económicos y un número grande también de asociados. Las agrupaciones para un fin muy concreto favorecen las especialidades, las vocaciones y la intensidad de la acción; pero esto mismo puede lograrse en las secciones de una Sociedad general, donde el lazo común de los estudiantes se fortalece (con gran provecho de la unidad de la obra universitaria y de la mutua influencia y fraternidad), por encima de todas las diferencias de Facultades, regiones, temperamentos, ideas y creencias. Así lo entendieron perfectamente los estudiantes madrileños que trabajaban por constituir una Sociedad general, á ejemplo de las que existen v. gr. en Barcelona, Coimbra y París. El Directorio que inició esta idea lo constituían delegaciones de todas las Escue-

las especiales y carreras universitarias (1).

Empezaremos por las más fútiles y menos académicas de estas asociaciones, que representan, característicamente, las de estudiantes alemanes. El fin de ellas es divertirse en común, entregarse juntos á los placeres de la comida y bebida en los *clubs* ó cervecerías predilectas, hacer apuestas entre sí y batirse. Usan los asociados varios distintivos, como una banda de colores, una gorra especial, etc., y suelen agruparse por naciones ó regiones y entonar juntos los cantos del país ó los cantos tradicionales de la Universidad. No se crea por esto que semejante vida consume toda la escolaridad de los estudiantes alemanes: es lo ordinario que sólo comprenda los dos ó tres primeros años de ella, en los cuales, claro es, el estudiante no estudia; pero terminado este período, el que ha salido salvo de él se convierte en asiduo frequentador de las clases y seminarios, y forma parte de esa juventud trabajadora, quizá, como ninguna, de donde salen los grandes especialistas científicos.

No dejan de divertirse los estudiantes de otras naciones, aunque á la verdad de un modo más correcto, por lo común. Los de Oxford y Cambridge tienen sus comidas y bailes, como los de la *Sociedad general* establecida en París y los de Montpellier y otros centros franceses. La *Sociedad* de París ha establecido, además, con el nombre de «reuniones amistosas», una serie de veladas que se celebran en su propio local y en las cuales hacen música los aficionados, concurriendo también á ellas, muchas veces, los más notables artistas. Estas fiestas representan la nota más sensata de la diversión, reflejada igualmente en las que celebra la *Asociación Académica* de Coimbra, según el art. 2.º de sus Estatutos (veladas literarias y musicales, reuniones de honesto recreo y representaciones en el teatro propio). Del mismo modo las «Asociaciones cristianas de jóvenes escolares», que están difundidas por todos los Estados-Unidos, tienen sus clubs de recreo, donde encuen-

(1) Por dificultades que no hay para qué mentar ahora, y á cuya causa esencial se alude más adelante, el Directorio que publicó el programa que indicamos se ha disuelto, y parece perdida por ahora la esperanza de lograr el fin que perseguía. Pero la semilla está echada y conviene tomar nota de los propósitos.

tran, con gran economía, todo género de distracciones y *comfort*, como hidroterapia, billar, gimnasia, esgrima, etc.: cosas de que disfrutaban también casi todas las asociaciones francesas.

Aunque pudiera parecer que estas asociaciones son poco *académicas*, debe notarse que sí lo son, y que contribuyen grandemente á los fines educativos de las Universidades; porque, de un lado, rompen el individualismo á que tan propicia es nuestra época, creando en vez de él lazos de unión y solidaridad entre los jóvenes en aquello que les es más característico y que no deben de perder nunca: la alegría y el deseo de divertirse, que bien pueden existir sin ofensa de la moral y de las buenas costumbres; haciendo además, que estos lazos trasciendan á la vida futura de cada uno, una vez abandonadas las aulas; y de otro lado, sirven para apartar á los jóvenes de centros donde la heterogeneidad de los elementos que concurren y las malas pasiones de muchos, los rodean de solicitudes peligrosas y les tuercen el carácter, convirtiéndolos en pesimistas románticos por imitación, robándoles la flor del ideal que es joya de la juventud y estrujándoles de paso la bolsa; mientras que las reuniones puramente escolares (especialmente si cuentan con el apoyo y consejo del profesorado en la forma que luego ha de indicarse), además de ser homogéneas, de formar el espíritu de clase y de ayudar al desarrollo de la personalidad, ofrecen un medio, en lo intelectual y moral, conforme con las circunstancias de los reunidos, y en lo económico, mucho más ventajoso, por las facilidades que da el gasto en común.

Este último aspecto se manifiesta bien claro cuando la asociación se concreta en el sostenimiento de hospederías ó fondas especiales para los estudiantes, donde estos hallan un servicio esmerado y barato. Todo el mundo sabe el grave problema que representa entre nosotros, para los padres y para los mismos interesados, la estancia de los jóvenes en una población donde, por no tener familia, han de recurrir á las casas de huéspedes. En ellas viven rodeados de una sociedad heterogénea y ambulante, que no suele ser la más apropiada á sus circunstancias, y quedan, por tanto, á merced de la depresión moral que

de suyo produce y de las solicitudes continuas que apartan de una vida digna, elevada y seria. Estos inconvenientes morales, unidos á los que proceden de la falta de higiene en punto á limpieza, aireación, luz y otros elementos esenciales de las casas, cuando no también en los alimentos y en el tipo general de las costumbres, no pueden menos de ejercer un influjo pernicioso sobre los jóvenes, especialmente contando con que el período de la enseñanza universitaria empieza entre nosotros á una edad demasiado temprana, en la cual la inexperiencia es casi absoluta.

Claro es que muchos de estos inconvenientes no se eluden dejando al joven— aunque sea en un hotel magnífico— entregado á sus propias fuerzas; pero declarando, por de pronto, que no es este el ideal de la vida privada de los estudiantes, no tiene duda que les ofrece infinitas ventajas sobre la que ahora llevan, y que ha de resultarles más económica. Bastaría para convencerse comparar el hotel de los estudiantes de Edimburgo (*University Hall*), que ofrece un albergue barato, con la mejor de nuestras casas de huéspedes: y á imitación de aquel, pueden las asociaciones escolares resolver este importante lado de la vida material. Los estudiantes escoceses tienen también, en París, un Colegio-pensión; la *Union Society*, de Oxford, un restaurant, y las sociedades escolares llamadas *griegas* en los Estados-Unidos (porque se distinguen con una letra del alfabeto griego) poseen igualmente casas-viviendas. El Directorio escolar madrileño consignó también, en su programa, el establecimiento de un comedor económico.

De otro modo contribuyen juntamente las asociaciones á la vida material; obteniendo, v. gr. (como en Alemania ocurre, y en Francia con la Sociedad general establecida en París), rebajas en los billetes de ferrocarril para sus miembros y facilitándoles colocaciones y empleos en armonía con sus facultades. Esto último lo verifica la mencionada *Sociedad* de París, en cuyo *Boletín* aparece el anuncio de las proporciones de aquel género que se ofrecen. Acentuando más aún el carácter cooperativo y de ayuda mutua, la *Asociación académica* de Lisboa, fundada en 1877, ha creado una caja de socorros para los estudiantes

distinguidos y faltos de recursos; y la de Coimbra concede pensiones á las personas valetudinarias ó pobres que han prestado servicios por largo tiempo á la Sociedad. Júzguese, en este orden, el desarrollo amplísimo que permiten los servicios mutuos entre consocios, y el espíritu de fraternidad que con semejantes prácticas se desarrolla, templando el egoismo individualista reinante (1). Así lo ha entendido y lo consigna en sus Estatutos, como uno de sus fines, la *Corporación de antiguos alumnos de la Institución libre de enseñanza*, creada recientemente y de la cual se hablará más adelante; y análogamente se pensó en crear, como organismos de la proyectada Asociación general de estudiantes de Madrid, una caja de ahorros, de cuyos fondos se pagarían los títulos académicos de los asociados; un montepío para préstamos; grupos cooperativos y pensiones de estudios.

Como era natural, dado el corte de nuestra época y el concepto dominante de la educación, los fines intelectuales han predominado en la organización de las Asociaciones. Más ó menos seriamente entendidos, no tienen otros las Sociedades de alumnos, tan frecuentes como efímeras en nuestras Universidades, creadas con el nombre de Ateneos, Academias, etc., para la discusión de cuestiones teóricas y prácticas de la respectiva Facultad. Por desgracia, la mayoría de estas reuniones—faltas, por otra parte, de guía, consejos y apoyo del lado de los profesores—sirven más para desarrollar la «furia oratoria» de nuestro genio, que el puro y acendrado amor á la ciencia. Algunas veces, por adquirir gran desarrollo, logran cierta estabilidad, y ofrecen á sus socios las ventajas de un local de reunión, biblioteca, sala de lectura, etc., como ocurre con algunos de los llamados *Ateneos de internos* de las Facultades de Medicina.

Estos elementos primordiales de biblioteca y demás, los tienen todas las Asociaciones extranjeras formalmente estableci-

das. La de París posee una importante colección de libros muy bien catalogada, y la acrecienta de día en día merced á los numerosos donativos que recibe de los profesores, libreros, autores y consocios; y lo mismo sucede en la de Montpellier, en la *Union*, de Cambridge, en la de Oxford, en las portuguesas (*Club escolar artístico* y otras), en las americanas, etc. Algunas de ellas tienen su boletín ó revista especial, á veces muy importante, como el de París, que se titula *L'Université de Paris* y los de las «*Debating Societies*», de Inglaterra. La de París ha organizado, además, una Biblioteca circulante, y publica normalmente su *Anuario*. La Asociación escolar que se proyectaba en Madrid pretendía establecer también el préstamo de libros de sus colecciones.

Las discusiones son generales. Los estudiantes ingleses parecen muy aficionados á ellas y en ellas hacen su aprendizaje para la vida pública que luego han de seguir. Por esto, la mayoría de los puntos que se discuten son de política palpitante, aunque también figuran en el programa cuestiones pedagógicas, referentes á la organización y métodos de la Universidad. Las discusiones se llevan con un orden y seriedad enteramente parlamentarios, y de estos clubs ó Ateneos han salido algunos de los más celebrados políticos de Inglaterra. También hay otras reuniones llamadas «*Literary Societies*» ó «*Essay Clubs*», en que se leen y discuten memorias sobre puntos de literatura, arte, sociología y moral; y al lado de estas, otras de carácter científico, como el «*Junior Scientific Club*» de Oxford, donde se leen memorias y se realizan experimentos.

Los estudiantes de Montpellier, con excelente acuerdo, han sustituido las discusiones retóricas por la lectura y exposición en común de libros notables, recientes ó antiguos; y los de París, llegando al grado superior en este tipo, han organizado cursos, conferencias y lecciones sobre materias especiales, que explican gratuitamente algunos socios á sus compañeros. En este mismo orden han constituido un centro de consultas jurídicas; y por último, cuentan con la cooperación de los profesores que, seguros de la seriedad del propósito y sintiendo la necesidad esencial de estable-

(1) Los servicios de este género han llegado á organizarse de tal modo en la *Sociedad* de París, que cuenta con médicos y cirujanos que asisten gratuitamente á los estudiantes.

cer lazos íntimos con los estudiantes y de ayudarles con su experiencia, dan de vez en cuando conferencias científicas, asisten á las reuniones y presiden las fiestas y banquetes (1).

El desarrollo y la diferenciación de la actividad social alcanza tal grado en el extranjero, que los estudiantes forman grupos especiales para realizar excursiones científicas, arqueológicas, artísticas, etc.: ejemplo de las cuales son las que hacen los de la *Asociación de París* (con independencia de las que se verifican bajo la dirección de los profesores de la Facultad de Ciencias, de la Escuela de Cartas y demás centros), y las sociedades especiales inglesas de historia antigua, arqueológicas, etc. En Inglaterra, la diferenciación y especialidad han llegado al punto de constituir asociaciones para el estudio de un determinado autor ó de un cierto orden de problemas: tales, el *Shakespeare Club*, el *Dante Club*, el *Political Economy Club*, etc.

Nótese que, confundidas con la educación intelectual, figuran muchas manifestaciones de la educación estética: confusión que no son los estudiantes los únicos en mantener. Desde luego, las Asociaciones atienden á la cultura musical (París y Coimbra, v. gr.), á la arqueológica (Inglaterra y París), á la dramática y á la literaria (lectura de poetas y novelistas), aparte de que algunos de los medios puestos en práctica para la educación física de que vamos á ocuparnos inmediatamente, sirven también para el desarrollo de las facultades estéticas: tales, los paseos por el campo, el alpinismo, etc., que proporcionan la contemplación y comprensión de bellezas para muchos ignoradas y ocultas. Lo que importa ahora es dar sustantividad á este fin, determinándolo más amplia y concretamente, con independencia de aquel otro del que parece ser mera derivación (2).

(1) Programa análogo anunciaba la *Asociación madrileña* (art. 2.º del Reglamento), organizando veladas, concursos, conferencias, cursos y excursiones de historia y de arte. De desear sería que se imitase aquí también el ejemplo de la de Montpellier, suprimiendo, en lo posible, las discusiones.

(2) Véase mi artículo, *Enseñanza de la arqueología nacional* (núm. 361 del BOLETÍN), donde se hallarán datos sobre las excursiones artísticas de los estudiantes parisienses.

A la educación física conceden bastante las Asociaciones escolares. En Inglaterra se formaron desde luego sociedades especiales para atender á este fin, desarrollando los juegos libres: *foot-ball*, *rounder*, *paper-chase*, ejercicios de natación, remo, etc.; y sabido es que todos los años se celebran competencias de regatas y de juegos entre las dos célebres Universidades, y que las tales competencias constituyen una fiesta nacional. Mucho hacen también en este orden las Asociaciones americanas. En cuanto á las francesas, han llegado á la gimnasia, á la esgrima, al velocípedo y al *foot-ball*. En España no conozco otras manifestaciones de este género que el Club de velocipedistas, creado en Oviedo con el concurso de profesores y alumnos de la Universidad, y la Sociedad de juegos físicos, formada por alumnos y profesores de la Institución libre de enseñanza y continuada por la Corporación de antiguos alumnos.

II.

Hay en los Estados-Unidos sociedades escolares de un carácter especial por el fin que persiguen; é importa conocerlas, porque realmente cumplen una función interesante. Sirva de ejemplo la *Asociación de estudiantes graduados* de la Universidad de John Hopkins, que se dedica á los siguientes objetos: 1.º Establecer relaciones con los estudiantes extranjeros y recibirlos digna y fraternalmente en la Universidad; 2.º sostener igual relación con los demás centros americanos; 3.º mantener una oficina de consultas para los estudiantes; y 4.º desarrollar la vida social de la Universidad.

Este aspecto de la vida social entre estudiantes, y de ellos con la nación entera, representa un ideal muy elevado tocante á la relación y solidaridad que deben existir entre los escolares y los centros de vida científica, unos con otros, y entre ellos y el país entero, á cuya cultura general les corresponde ayudar, reflejando la que dan y adquieren respectivamente, en vez de encerrarse en aislamiento y presuntuosa superioridad estériles y mezquinos.

Ambos fines han sido ya comprendidos en otras partes. Al primero se ofrecen ampliamente la mayoría de las Asociaciones

europas, estableciendo la mutualidad entre sus miembros (como Oxford y París), invitándose recíprocamente á las fiestas, creando centros para los estudiantes extranjeros (según se intenta en París), y proyectando federaciones de todas las sociedades nacionales (1).

El segundo de los fines citados marca la esfera superior de ideal que puede concebirse en la obra universitaria, desde el punto de vista social y filantrópico. Empieza en la celebración de fiestas de beneficencia, colectas para heridos de la guerra, para estudiantes pobres, etc., y termina en la grandiosa obra conocida en Inglaterra con el nombre de *University Extension*, cuya realización corresponde principalmente á los estudiantes de las dos grandes Universidades de Oxford y Cambridge.

Uno de sus centros es la institución de *Toynbee Hall*, situada en Whitechapel, barrio obrero de Londres, de los más miserables, antihigiénicos é ignorantes de la capital. Oigamos como describe la obra de los estudiantes un testigo de vista, el conocido escritor francés M. de Coubertin (2). El fin de la Sociedad es triple: «Ante todo, se ha querido proporcionar á la población de los barrios pobres de Londres—y más tarde á la de otras ciudades—los beneficios de una instrucción sólida á la vez que las distracciones de que está tan necesitada. Se ha acariciado, en segundo lugar, la idea de descubrir, al penetrar de este modo en el secreto de aquella vida miserable, los mejores medios de mejorarla; se ha deseado, en fin, poder fundar una obra duradera, reconocida y apreciada por todos y bastante rica para bastarse á sí propia, sin contar con los resultados, á veces problemáticos, de una suscripción anual. Se pensó que si hombres superiores, instruídos é inteligentes iban á vivir como simples ciudadanos en aquellos barrios extraviados, á la vez que adquirirían experiencia en el arte de comprender los grandes centros obreros, se granjearían las simpatías de las gentes cuya vida intentasen ennoblecer, predicándoles

el «Evangelio social»... Pero la condición esencial consiste en estar allí constantemente. En esto reside la originalidad de la obra. No se trata de ir á explicar clases y presidir reuniones; sino de residir en medio de aquellos hombres, á fin de que no os pierdan de vista y no se imaginen que jugais con dos barajas y que os guía otro pensamiento que el de serles útil.» El personal de Toynbee Hall está formado principalmente de estudiantes que se comprometen á residir allí durante dos ó tres años y de otros que van por períodos más breves, ó solo durante las vacaciones. El Comité general tiene secciones en Oxford, en Cambridge y en Londres; y en el Consejo anual figuran algunas señoras (1). El programa comprende, no sólo cursos y conferencias extraordinarias, sino un organismo completo de asociaciones y grupos especiales: de beneficencia (análogos á las sociedades de San Vicente de Paul), musicales, arqueológicas, de historia natural, filosóficas, de *foot-ball*, de *lawn-tennis*, de esgrima, de pugilato, de gimnasia, etc. Hay además un Comité para el mejoramiento de las habitaciones obreras, varios de colonias infantiles y una Liga para la reforma de la enseñanza primaria. Las reuniones no son sólo científicas, sino también de pura distracción, en la gran sala común donde se celebran incluso comidas, convidando ora al comité director de una sociedad cooperativa, ora á un grupo de obreros con sus mujeres. Por último Toynbee Hall ha llevado su influencia á las asociaciones especiales de obreros, mejorando su organización y prestándoles ayuda. Y cuenta que no es este el único ejemplo de la actividad filantrópica de los estudiantes ingleses.

Confesemos que no se concibe nada más hermoso, más digno de la juventud. Servir á la obra social de una manera tan amplia y generosa; devolver al país en actos positivos y de trascendencia suma los beneficios que del país se reciben en los grandes centros universitarios; contribuir personalmente á la regeneración y á la cultura de las clases desheredadas é ignorantes; tener por primeros clientes y alumnos á los obreros, y no desdeñar que la toga doctoral se ocupe en escuelas de adultos más ó menos su-

(1) Al mismo orden pertenece el proyecto de federación entre los estudiantes españoles y portugueses, en que se pensó en 1885 con motivo de la visita hecha á Madrid por el Directorio escolar de la nación hermana.

(2) *L'éducation en Angleterre*. Paris, 1888.

(1) *Third annual Report*. Oxford, 1887.

periores, ¡eso sí que es servir á la patria, amarla desinteresadamente y sentir el latido de la verdadera fraternidad y del verdadero socialismo! ¡Cuán por encima está semejante conducta de las declamaciones políticas en que suele torcerse nuestra juventud, ofreciendo vanamente al país, con quien no ha tenido una relación inmediata, y á las clases pobres, que no conocen sino de oídas, una felicidad que luego no sabrá cumplir!

Como no podía menos, el movimiento de la *University Extension* ha encontrado eco en Francia, y no tardará seguramente en organizarse. En España, la única Asociación que comprende entre sus fines una acción parecida, si bien en grado muy modesto, á la de Toynbee Hall, es la de los «Antiguos alumnos de la Institución Libre de Enseñanza», en cuyos propósitos entra la celebración de conferencias, lecturas y excursiones para los obreros, y la creación de una biblioteca circulante para los mismos.

III.

Hecha la descripción de los diferentes objetos que realizan las más importantes de las Asociaciones escolares europeas y americanas, ocurre advertir dos cosas: una, relativa á estos mismos objetos, en cuya lista se advierte la falta de toda indicación respecto del fin moral, que es de esencia en la obra educativa; y la otra, tocante á los medios de lograr la organización corporativa de los estudiantes en países que, como el nuestro, carecen de ella.

Ninguno de los Estatutos ó Reglamentos que yo conozco dice nada, concretamente, de la educación moral. Tal vez la suponen como una resultante de la unión, mutua influencia y trabajos de diversa índole hechos en común; y sin duda que debe verse su espíritu representado por notas tan significativas como el auxilio mutuo entre los escolares (en París y Lisboa, v. gr.), las fiestas de beneficencia y el movimiento inglés de la *University Extension*. Conviene, no obstante, determinar más el punto; sobre todo, mirando á la evitación necesaria de usos, prácticas y abusos de cierto género, como los de las Asociaciones alemanas (1),

(1) No obstante el parecer del emperador Guillermo II,

ó los que en sus diversiones suelen realizar otras sociedades de diversos países, y, especialmente, para que entre los estudiantes asociados se despierten el deseo y la convicción de reobrar contra ciertos prejuicios de la opinión pública y de la educación vulgar, que admite por buenas, ó convenientes, ó higiénicas, ó disculpables, costumbres cuyo efecto seguro es pervertir el corazón de la juventud y manchar para siempre la pureza de su vida.

No faltan, á Dios gracias, en la misma juventud, elementos que se aparten de este vicioso modo de concebir la vida, y cuya conducta reúna en sí todas y algunas más de las excelencias buscadas por las sociedades de templanza de los países protestantes; pero, en general, la regeneración en este orden no puede partir de los mismos estudiantes, mientras no encuentren punto de apoyo en la Universidad, que desatiende hoy, casi en absoluto, su función educativa, especialmente en esta esfera (1). Solo los profesores, influyendo activa y constantemente sobre los alumnos mediante una intimidad de relación, en España desconocida (salvo escasas excepciones), podrán contrarrestar la fuerza depresiva del medio ambiente y sembrar en los jóvenes la semilla de un sentido moral que por culpa de todos ahora les falta. En los países donde tienen los estudiantes espíritu corporativo y han organizado por sí asociaciones amplias y robustas, esta influencia se puede lograr—amén de la que se ejerce en la Universidad misma (2)—mediante las conferencias, conversaciones y consejos (3) con que el profesorado interviene en aquellas (v. gr., en la *Sociedad*

para quien el duelo y otras prácticas de los estudiantes alemanes, son condiciones esenciales de la educación militar de la juventud y del porvenir de la nación alemana.

(1) Véase el artículo de M. Malapert, traducido en el núm. 369 del BOLETÍN.

(2) Sabido es que en la Sorbona, los llamados *directores de estudios* (M. Lavissee, entre ellos) reciben particularmente, una vez en semana, á los estudiantes, que les consultan, no sólo sus problemas intelectuales, sino lo que importa más aún, los problemas morales y religiosos que les preocupan. (V. mis artículos sobre *El Renacimiento religioso*, en la *Ilustración Ibérica* (1891), donde hay datos acerca del particular.)

(3) Ejemplo de esto son las conferencias de M. Lavissee á los estudiantes parisienses; y la de M. Malapert, antes citada, á los de Caen.

general de París), y mejor aún si son mixtas de catedráticos y alumnos, como la de Coimbra. Aprovechando para estas, que bien pueden llamarse predicaciones (y sabido es que nadie puede predicar con fruto sin el ejemplo), la fuerza de cohesión é imitación que centuplica las energías en los organismos, es seguro que puede lograrse efecto inmediato y extenso sobre las asociaciones y, por tanto, sobre los individuos que las forman. Una vez despertado el sentido, la nobleza ingénita en los sentimientos de la juventud, que siempre responde cuando se sabe llamar á su puerta discreta y amorosamente, hallará impulsos para seguir por sí propia el camino emprendido y para aplicar su actividad á este fin, como la aplica á otros quizá menos esenciales.

Pero en naciones donde (como en la nuestra) carece el estudiante de todo espíritu corporativo, no sólo para con sus compañeros, sino para con la Universidad, á la cual ni ama ni considera, porque parece que todo tiende á hacérsela ingrata, esa intervención de los profesores en la vida escolar no es sólo necesaria para el efecto de la educación á que nos referimos (1), sino el único camino para llegar á la misma asociación de los estudiantes.

La asociación es el producto de varios sentimientos y exigencias que acercan entre sí á los individuos, y requiere además una cierta preparación de ideas y costumbres para que fructifique en serio. Ninguna de estas cosas dan nuestras Universidades á sus alumnos. Separadas y como enemigas sus Facultades; separados también y sin intimidad alguna los maestros entre sí y con los discípulos, siendo aquellos meros preparadores de exámenes, por punto general, y estos sólo un número en la lista, desconocido casi hasta el momento del examen; sin otro lazo de unión los mismos que estudian que la mera estancia, breve y nada amena, en las aulas; careciendo, como carecen, de un sitio en la Universidad donde puedan reunirse cómoda y ordenadamente para sus fines propios, no es maravilla que todos los anhelos de asociación sean esporádicos y se ahoguen en turbulencias y desacuerdos

(1) Véase el interesante discurso del catedrático de Oviedo, Sr. Sela, sobre la *Educación moral en las Universidades*, leído en la inauguración del presente curso.

personales, lógicos en toda masa indigesta, que carece de espíritu de clase y de ideal definido. No es, ciertamente, toda la culpa de los jóvenes, y aun puede dudarse de si les cabe alguna. Les falta disciplina y dirección, que de sí propios no han de sacar mientras no se les eduque para ello; y esa educación nadie ha de darla, ni debe, más que los profesores. El camino en España para llegar á la asociación seria, consciente de sus fines, ligada á la institución de que procede y de grandes horizontes para su conducta, consiste en formar primero la *sociedad* académica entre profesores y alumnos, estableciendo la intimidad que ahora falta, é irradiando de grupo en grupo sobre la masa general, hasta que surja la necesidad efectiva de la unión: que una vez nacida ésta, ya sabrá hallar los medios para cumplirse espontánea y vigorosamente.

Y hé aquí cómo todos los problemas universitarios se engranan y dependen mutuamente. Sin la reducción de alumnos en las clases y la buena organización del trabajo científico, no es posible la intimidad entre alumnos y profesores, ni, por consecuencia, el fin educativo de la llamada «enseñanza superior»; sin asociar al estudiante á la vida universitaria, dándole en ella intervención y refugio de que carece, ni ha de amarla ni ha de sentir la personalidad académica que en sí lleva consigo; y sin ambas cosas, jamás se encontrará preparado para llegar á la asociación general, con fines propios y sustantivos que cumplir. La prueba es que sólo en aquellas Universidades donde esto empieza á realizarse, ó en los centros privados de enseñanza donde se cumple desde luego, arraiga en firme el espíritu de corporación, en forma análoga á las más elevadas y perfectas que otros países han logrado.

(Concluirá.)

ENCICLOPEDIA.

UN PROBLEMA DE DERECHO ARAGONÉS,

por el Prof. D. Joaquín Costa.

I.

ANTECEDENTES.

En el encuentro del derecho patriarcal del Pirineo con las condiciones y exigen-

cias de la vida moderna, se está produciendo un conflicto que reviste, por su frecuencia y por su gravedad, todos los caracteres de una cuestión social.

Se trata de la revocación de los heredamientos ó donaciones universales hechas por los padres á un hijo en acto bilateral, cuando el donatario ó heredero abandona la casa de los instituyentes ó donantes, dejándola en trance de perecer. Los términos del problema son del siguiente tenor.

Es sabido que en toda la zona de montañas, y no sólo de la provincia de Huesca, sino que también de las inmediatas, Lérida, Zaragoza y Pamplona, lo mismo que en la parte llana que le es adyacente, ó sea en los somontanos, los padres nombran heredero universal á uno solo de los hijos, haciéndole donación de todos sus bienes muebles é inmuebles, presentes y futuros, é imponiéndole la obligación de dotar á sus hermanos con una cantidad en metálico proporcionada á lo que la casa puede dar, según su «haber y poder», y dividida en muchos plazos para que pueda satisfacerse con los productos del patrimonio, sin desprenderse de bienes raíces. Sábese también que esa donación universal no la hacen los padres para después de sus días, en acto unilateral, que sería revocable por ellos solos, sino por vía de contrato, en escritura de capitulaciones matrimoniales, que constituye ya ley para los donantes, independiente de su voluntad.

La razón de que se haga así y de que no pueda hacerse de otro modo es—aparte la fuerza conservadora de la tradición—la extremada pobreza del país. Las haciendas son de corta extensión; si hubiesen de repartirse entre los hijos del hacendado, no les tocaría porción suficiente para que pudiesen vivir, y en vez de emigrar todos menos uno, como ahora, emigrarían todos, y el Pirineo se despoblaría. Es preciso, pues, mantener indiviso el patrimonio en cabeza de un solo propietario. Por otra parte, como la tierra de montaña rinde producto tan escaso, no puede cultivarse con jornaleros; tiene que cultivársela—excepciones á un lado—el mismo dueño, que hace más obra con menos gasto, contentándose con la comida y comiendo de lo que hay. Pero es el caso que el dueño envejece y no puede poner en la tierra la suma de energías

y de cuidados que requiere como necesaria condición para producir: en sus manos, los campos se enyerman y abarrancan, las viñas, no renovadas, se desmedran y mueren, los pastos se hacen de común, no se estercola lo preciso, se siembra fuera de sazón, quedan sin pagar las contribuciones, y el agente ejecutivo, este gran vampiro, degeneración del antiguo brigante, comienza su oficio de disolvente de familias y de patrimonios. No hay más remedio que procurarse sangre nueva, so pena de abandonar el patrimonio y morir de hambre. El propietario ha de asociar á su empresa á uno de sus hijos; ya queda dicho que á todos no puede ser, porque cada uno supone un hogar nuevo, y el patrimonio, si puede ocupar y sostener una familia, no así tantas como hijos. Y aquí la dificultad. Ninguno de esos hijos, y menos aún la que haya de ser su mujer, se resignaría á tomar sobre sí tan pesada carga como la de sostener una casa en lo general apurada, con más bocas que brazos y más deudas que capital flotante, si no tuviese la certeza de que esa hacienda había de ser suya en algún día; si quedara en pie la posibilidad de que el anciano dueño, efecto de la chochez, ó inducido por consejo torpe, ó vencido al enojo de un minuto, legara los bienes al hijo bohemio ó pródigo que abandonó temprano la casa y trabajó para sí ó no trabajó de ningún modo, desheredando de hecho al que le había sacrificado su juventud y servídole de sostén toda su vida. Tal es la razón de que los padres hagan ya en vida donación universal de sus bienes á uno de los hijos: el padre retiene el carácter de usufructuario, si bien *ad honorem*, pues contrae la obligación de invertir el producto íntegro del patrimonio en sustento de todos, donantes, donatario, mujer de éste é hijos de unos y de otros, y si sobrase, en aumento de la casa. Por el contrato de heredamiento ó donación universal, diríamos que se constituye, teóricamente al menos, una sociedad comanditaria entre el padre, el hijo y la nuera, en la cual pone el primero la tierra, el segundo los brazos y la mujer de éste el capital metálico en que consiste la dote: el padre da al hijo los inmuebles que posee, para que éste se los haga producir y tengan así los dos matrimonios y sus respectivas proles con qué

vivir: el hijo consagra su actividad al padre, le sirve á modo de jornalero gratuito, mediante la seguridad que tiene de que aquellos bienes no serán ya de nadie sino suyos, y más bien de que lo son ya, faltando sólo que se le incorpore el ejercicio del cargo de administrador y usufructuario, ó sea el «señorío mayor», por fallecimiento del donante; y no digo que se le incorpore el usufructo, porque éste ya queda dicho que está vinculado á su sustento como al de los demás asociados.

El sistema de razones que antecede se halla indicado por palabras expresas en algunas capitulaciones matrimoniales, tales como estas: «Es pacto que un hijo ó hija del presente matrimonio haya de ser y sea heredero universal de los bienes de entrambos contrayentes: aquel ó aquella que á sus padres juntos ó al sobreviviente de ellos, y por muerte de ambos, á los dos parientes consanguíneos más cercanos, uno de cada parte, con el alcalde del distrito, parezca más útil para la conservación y perpetuidad de la casa.» — «Item (dice otra) los expresados cónyuges donantes F. y M., en consideración á los buenos servicios que su hijo N. les ha prestado, cuidando de ellos en su edad avanzada, y particularmente ayudando á su padre, impedido del brazo derecho; y á que es entre todos los hijos de quien vienen experimentando mayor afición y asistencia, y más desde que el hijo mayor X., de quien esperaban algún descanso, se enganchó voluntariamente en el ejército; y atendiendo además á su buena conducta y á su capacidad y desembarazo para la administración y manejo de la casa, le dan y mandan y donación propter nupcias le hacen de todos sus bienes muebles y sitios, habidos y por haber, de los cuales le instituyen heredero universal para después de sus días, reservándose, como se reservan, el señorío mayor, etc.» — Es la misma razón que ha creado la institución del *casamiento en casa*, para reparar las quiebras del *heredamiento*. Y dicen: «que estando la casa y bienes de los otorgantes (los que donaron sus bienes á un hijo, que luego ha fallecido casado y con sucesión) completamente desatendidos por la carencia de brazos, puesto que el dicente es ya septuagenario y sus nietos (hijos del donatario ó heredero difuntos) de muy corta edad, han juzgado

conveniente, en uso de las facultades que se reservaron en la calendada escritura de capitulaciones, permitir casamiento á dicha M. (la nuera, viuda del hijo donatario ó heredero) sobre la herencia, con su cuñado P., que sobre ser muy laborioso y apto para estar al frente de la casa, merece las simpatías de la referida M...»

He dicho que sin la virtud de esta institución del heredamiento, y precisamente ordenado en la forma que dejo explicada, sería imposible vivir en el Pirineo. Pero miremos al reverso de ella, en la práctica, y observaremos que con esa institución, por efecto de su propia naturaleza, es imposible vivir en el Pirineo. Ó lo que es igual: la región de montañas está condenada fatalmente á despoblarse, y lo prueba *a posteriori* el hecho de estarse ya á la hora presente despoblando. El heredamiento universal supone comunidad de vida entre dos personas de edad, en quienes radica el señorío y gerencia de la casa (*señores mayores, administradores y usufructuarios*, según expresión de las escrituras de heredamiento), y dos personas jóvenes, señores también (*los amos jóvenes*, en el uso común del lenguaje), pero sometidos por la ley del contrato á la dirección y obediencia de los primeros; dos ancianos que consumen, en términos de economía, más de lo que producen y que se pasan el día gruñendo y querellándose, ponderando la abundancia en que nadaba la casa allá en sus tiempos, y abominando de la generación actual, inepta, presuntuosa, derrochadora, indisciplinada y sin temor de Dios, con dos jóvenes, uno de ellos yerno ó nuera, á cuyas manos se ha venido por ley natural, buscando su centro y su nivel, el poco apetecible «señorío y administración», presa de cavilaciones á la continua, en lucha con todo género de dificultades económicas y sociales, la pérdida de las cosechas, debida al exceso y á la falta de lluvias alternadamente, á las inundaciones, al mildew, á la epizootia, al granizo, á la langosta; los incesantes pregones y conminatorias del Fisco, cada vez más desatentado y expoliador; las estafas y exacciones ilegales de recaudadores, agentes, secretarios de Juzgado y de Ayuntamiento, procuradorcillos, corredores de quintas, habilitados, inspectores del timbre y de la contribución industrial, inmunda lepra que

mantiene ulcerado desde la cabeza á los pies todo el cuerpo social; las misas y aniversarios de los antepasados, á quienes tienen que redimir con su sudor y con su sangre de la cautividad del Purgatorio, mejorando de camino la dotación del párroco; las dotes y legítimas prometidas á tías, tíos, hermanas y hermanos que se colocaron ó se van colocando, á cambio de que renuncien sus derechos á la casa, y las dotes ó legítimas que se percibieron treinta ó cuarenta años antes y que hay que restituir por derecho de reversión; la depreciación ó la falta de salida de los frutos sobrantes, consecuencia legítima de la impía guerra de tarifas; las cuentas de tenderos, menestrales y comerciantes, cada vez más largas, por olvido de la antigua economía casera y la generalización de un lujo, aunque modesto, desproporcionado con los ingresos, efecto inevitable de muy complejas causas: agréguese á los dos matrimonios el rebaño de los segundones, hermanos del donante, que no salieron á crear familia, quedándose de por vida en la casa natal, sus sobrinos, hermanos del heredero ó donatario, que tienen derecho á alimentos y obligación de trabajar para la casa, y de los sobrinos de estos, hijos del heredero, que van viniendo; con que se forma un tejido enmarañado y revuelto de vínculos, edades y sexos, de humores contrapuestos, de rivalidades sordas, de intereses encontrados, de simpatías, antipatías y celos, tanto más activos y enérgicos, cuanto que se ejercitan sobre sangres afines y á quienes está vedada en absoluto ó casi en absoluto la libertad de disociarse. En tal ambiente, la guerra civil se impone como estado normal, ó no habría lógica en el mundo. Podrá quizá no trascender al público en mucho tiempo; podrá no estallar, en fuerza de virtud ó de cálculo de los beligerantes, que la repriman dentro de su pecho; pero entonces, justamente, es cuando causa mayores estragos, semejante á fuego escondido que prendió en una hacina de combustible sin respiradero: miembros de una misma familia, moradores de una misma casa, se niegan el saludo al cruzarse en la escalera ó sentarse á la mesa; se dan avisos ú órdenes por embajador; reina un silencio de muerte, interrumpido por monosílabos airados ó respuestas desabridas

que ya en la inflexión de la voz muestran un dejo de amenaza; tal vez el triste anciano, en los largos insomnios del invierno, no cesa de atormentarse á sí propio pensando que á dos pasos de allí se están haciendo secretos votos porque muera pronto; la hija heredera llorando lágrimas tanto más amargas, cuanto más impotentes para aliviar la pena de su madre, desvalida y enferma, privada de lo más preciso, afligida á desaires, y tal vez á injurias ó á golpes, por el propio yerno; el yerno, cercado, acosado de la nube de enemigos que el Estado dispara y azuza contra él, como contra todos los que ganan el pan con el sudor de su rostro, presa de desmayos y de congojas, viendo arrebatados en un minuto, por un cierzo ó una nube, los afanes de un año, rendido á la pesadumbre de una multitud de niños que aún no le pueden ayudar y de ancianos que no le pueden ayudar ya y que tal vez, por el contrario, le hacen más amarga la vida con sus reproches, con sus impertinencias y con sus achaques... Sería preciso, para que no sucediese así, tanta mansedumbre y resignación de parte de unos, tanta compasión y caridad de parte de otros, tanta abnegación, tanto altruismo, tanto desprendimiento de la propia personalidad y desprecio de lo presente por parte de todos, como no es permitido esperarlo de una humanidad sumida aún en los groseros egoísmos de la infancia, apegada á la vida y al tiempo como á tesoro perdurable, ni más ni menos que el último de los organismos animales, sin un átomo de idealidad que no sea de fantasía, y en quien la certeza de la muerte, siempre en amago para la hora inmediata, no es parte á moderar un punto los ciegos impulsos de la codicia, de la vanagloria y del culto idolátrico de sí propio, única religión viva que hasta hoy ha profesado la humanidad, ni influye poco ni mucho en la conducta del individuo para con los demás y para consigo mismo.

El hecho es tan fatal, reviste tales caracteres de generalidad, y basta para preverlo tan corta dosis de previsión, que asombra el que sean tan contados (1) los casos en que los otorgantes salen al encuentro de aquella eventualidad con una cláusula por

(1) Véase *Derecho consuetudinario del Alto Aragón*; Madrid, 1880.

el siguiente tenor: «Si los donantes ó instituyentes no congeniasen con los contratados (el donatario ó donataria y su consorte), y por esa ó por otra causa igualmente justa tuvieran que separarse; se dividirán los bienes, etc.», ó «tendrán que satisfacer los segundos á los primeros tantas pesetas de pensión, etc.» Por mal entendidos respetos, donatarios y donantes ligan sus voluntades en tal manera que ya no puedan desatarse, á no consentir juntos; figurándose, incautos, que serán eternos el acuerdo, la armonía, el afectuoso cariño y la sumisión del día de la boda. Buena parte de culpa alcanza en esto á aquellos notarios que todavía no se han penetrado de su misión como órganos vivos del derecho y siguen siendo lo que eran antes de que se escribiese el art. 1.º de la Instrucción de 9 de Noviembre de 1874; fonógrafos con arancel, atentos á salir del paso, esto es, á devengar honorarios en el menor número de minutos posible, recluyendo la calidad de la función á un último término, si tal vez no á ninguno, sin que les mueva una vez á compasión aquella pobre gente, tan necesitada de ese grano de protección, ó dígase de tutela, que representa una escritura de heredamiento bien aderezada. Con muy poco trabajo, casi con ninguno, podrían ser jurisconsultos á la romana, intérpretes y legisladores del derecho consuetudinario y promovedores de su desenvolvimiento y adelanto, con más influjo real que los poderes que promulgan Códigos civiles en la *Gaceta*; podrían dar pauta á las familias y afianzar en ellas la paz, en cuanto esto depende del derecho, haciendo de esas escrituras de heredamiento ó donación universal como otras tantas pólizas de seguro contra disensiones y contra pleitos, verdaderas Constituciones civiles, harto más importantes que la Constitución política de la monarquía; podrían ser todo eso y prefieren ser unos memorialistas *brevetés* para quienes la fe pública es poco más que un instrumento industrial. Uno hubo que principió á generalizar la cláusula siguiente: «Si donantes y donatarios no pudiesen congeniar, y á aquellos no les conviniera separarse de la casa llevándose solamente las fincas cuyo pleno dominio se reservan en la cláusula anterior, tendrán derecho todos, sea por acuerdo común, sea por

»voluntad de uno solo ó de dos ó más, á
 »requerir el juicio de tres amigables componedores, que lo serán (caso de que no se pongan entonces de acuerdo para designar otros), el Alcalde, el Juez municipal y el Cura del distrito y parroquia de...; ó si alguno de estos se negare ó fuere recusado por causa legítima, el Juez suplente y el segundo Alcalde, por este orden, para completar el número de tres; cuyos amigables componedores, oyendo á las partes y teniendo en cuenta la culpa de cada uno, al par que sus necesidades, decidirán ejecutoriamente las condiciones en que ha de verificarse la separación y la proporción en que han de distribuirse los bienes, ora en usufructo, ora en pleno dominio, ó parte en pleno dominio y parte en usufructo. La decisión de los amigables componedores y la distribución de bienes que ellos mismos habrán de hacer, surtirá los mismos efectos que una sentencia.» — Habría prestado un excelente servicio al país perseverando en este pensamiento; pero no tardó en aliviar de tan abrumador aumento de trabajo al escribiente, volviendo á sus antiguas rutinas.

Sirva de preámbulo lo que antecede á la exposición, en que ahora entro, del problema jurídico, objeto del presente trabajo.

(Continuará.)

INSTITUCIÓN.

LIBROS RECIBIDOS.

Rocha Peixoto (A. A. da).—*Estações de Aquicultura*. Congresso Pedagógico Hispano-Portuguez-Americano. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.—Dos ejemplares.—Don. del Excmo. Sr. Dr. B. Machado. (2153).

Machado (Virgilio).—*O Ensino da Chimica no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*. — Congresso Pedagógico Hispano-Portuguez-Americano.—Lisboa, Imp. Nacional, 1892.—Dos ejemplares.—Don. de idem. (2154).

Rego Lima (J. M. do).—*Escola superior de Minas de Lisboa*.—Congresso Pedagógico Hispano-Portuguez-Americano. — Lisboa, Imp. Nacional, 1892.—Dos ejemplares.—Don. de id. (2155).